



Correlatos psicológicos das relações familiares de estudantes universitários

Jenny Silva¹, Sónia Simões², Marina Cunha³ & Laura Lemos⁴

Copyright © 2020.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution International License 3.0 (CC BY-NC-ND).

<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/>



Open Access

¹ Mestre em Psicologia Clínica. E-mail: jenny.pinto.21@gmail.com

² Doutorada em Ciências Biomédicas. Professora Auxiliar do Instituto Superior Miguel Torga. Investigadora do CEPESE.

³ Doutorada em Psicologia Clínica. Professora Auxiliar do Instituto Superior Miguel Torga. Investigadora do CINEICC, Universidade de Coimbra.

⁴ Doutorada em Psicologia. Professora Auxiliar do Instituto Superior Miguel Torga.

Resumo

As interações que estabelecemos ao longo da nossa vida, principalmente as interações precoces, influenciam o que somos e como nos comportamos. Uma vez que a família é o contexto primordial onde se estabelecem as primeiras relações precoces, este estudo pretende compreender a relação entre algumas variáveis familiares (vinculação, estilos educativos parentais e relações familiares) e o funcionamento psicológico de estudantes universitários.

Assim, os objetivos deste estudo são: estudar a associação entre estilos educativos parentais, vinculação, funcionamento familiar, sintomas psicopatológicos e visão positiva/negativa das emoções; analisar as diferenças nas principais variáveis em estudo em função do sexo dos participantes, da qualidade da relação com o pai e de residir com a família diariamente versus aos fins-de-semana. A amostra é constituída por 356 estudantes universitários, 83 homens e 273 mulheres, com uma média de idades de 21.75 anos (DP = 5.35), sendo a maioria solteiros(as) (94.4%). Os participantes preencheram um protocolo constituído por Questionário Sociodemográfico; Inventory for Assessing Memories of Parental Rearing Behaviour, Brief Symptom Inventory, Leahy Emotional Schemas Scale; Systemic Clinical Outcome and Routine Evaluation e Adult Attachment Scale-R.

Os resultados indicam a existência de correlações estatisticamente significativas entre todas as variáveis do estudo e a grande maioria das suas dimensões. Foram também encontradas diferenças estatisticamente significativas nas variáveis em estudo em função do sexo dos sujeitos e da qualidade da relação com o pai. O presente estudo corrobora a relevância da qualidade da relação com as figuras parentais no desenvolvimento de sintomas psicopatológicos e no tipo de vinculação. É, pois, recomendável que esta componente seja integrada ao nível da prevenção/intervenção psicológica.

Palavras-chave

Vinculação, estilos educativos parentais, funcionamento familiar, sintomas psicopatológicos, esquemas emocionais.

Introdução

As interações que ocorrem com os outros no nosso cotidiano influenciam o que somos e como nos comportamos. A família é o primeiro agente de socialização durante a infância e a adolescência e continua, ao longo do ciclo vital, a ser mais influente do que qualquer outro fator (L'Abate, 1998; Simons et al., 2004). Assim, podemos afirmar que as experiências vividas com os pais, na infância, estão associadas com numerosas características individuais, muitas das quais parecem influenciar a qualidade das relações na fase adulta (Fosco et al., 2019; Rollins et al., 2018; Sijtsema et al., 2014; Verhage et al., 2018).

A relação dos pais com os filhos durante a infância e adolescência tem um grande impacto no seu desenvolvimento, destacando-se as seguintes áreas influenciadas: o desenvolvimento emocional; o desenvolvimento cognitivo; o desenvolvimento da personalidade; a própria construção de novas relações interpessoais de forma geral e de relações afetivas em particular; e o desenvolvimento, ou não, de psicopatologia (Fosco et al., 2019; Morgado et al., 2013; Mondin, 2008; Canavarro, 1996). Neste sentido, a qualidade das relações de vinculação estabelecida entre a criança e as suas figuras cuidadoras (Akcinar & Shaw, 2018; Gross et al., 2017; Koehn & Kerns, 2018) e os estilos educativos parentais adotados por cada família (Fosco et al., 2019; Hofer & Spengler, 2020; Sijtsema et al., 2014) têm um papel fulcral no desenvolvimento global dos filhos.

Portanto, uma área de extrema importância no que concerne às interações familiares é a vinculação. De acordo com a teoria da vinculação, as crianças têm a predisposição inata para procurar e formar relações de vinculação com os seus cuidadores primários. A vinculação pode ser definida como um laço afetivo, que se prolonga no tempo, que a criança estabelece com a figura cuidadora no sentido de promover a sua segurança e proteção. Há uma tendência para procurar e manter a proximidade com essa figura privilegiada, denominada de figura de vinculação, essencialmente perante situações geradoras de *stress*. O comportamento de vinculação é uma necessidade humana básica que assegura a sobrevivência na infância. Este tipo de comportamento observa-se quando a pessoa está assustada, cansada ou doente, tentando deste modo diminuir o seu sofrimento, procurando o conforto do outro. Já em outras circunstâncias em que a pessoa se sinta segura, este tipo de comportamento é menos evidente. Embora o comportamento de vinculação seja mais frequente na infância, ele é observado durante todo o ciclo de vida (Bowlby, 1989; Dalbem & Dell'Aglio, 2005; Verhage et al., 2018). Durante os primeiros anos da sua vida, através das interações que estabelece com os seus cuidadores primários, a criança cria expectativas sobre a sua disponibilidade e responsividade, que servem como base para a elaboração dos modelos internos dinâmicos. Os seus modelos internos dinâmicos são representações mentais sobre se o *self* é ou não merecedor de afeto e proteção, sobre os outros e sobre o mundo (Bowlby, 1989).

É no meio familiar, na interação com a família que as crianças desenvolvem modelos internos dinâmicos – representações mentais acerca de si, dos outros e do que podem esperar desta relação. Assim, se a criança percebe a relação com o cuidador como adequada às suas necessidades, forma uma imagem de si como merecedora de amor e atenção e do cuidador como responsivo e confiável; por outro lado, se as suas necessidades não são satisfeitas, a criança cria uma imagem de si como pouco eficaz e do outro como indisponível (Ainsworth et al., 1978; Berlin et al., 1998; Holmes, 1993). É através dos modelos internos dinâmicos que os esquemas precoces de vinculação se refletem na personalidade dos indivíduos e, conseqüentemente, nas suas relações futuras (Collins & Read, 1990; Hazan & Shaver, 1987; Morgan & Shaver, 1999), permanecendo ativos não só na infância, mas também na idade adulta (Bowlby, 1984, 1985; Bretherton, 1996; Verhage et al., 2018).

Todos os seres humanos nascem com esta necessidade de vínculo, que os motiva a procurar proximidade de outros (Bowlby, 1989). Neste sentido, de acordo com diferentes autores (e.g., Hazan & Shaver, 1987) existem três estilos de vinculação: a vinculação segura, a vinculação insegura-ambivalente e insegura-evitante. Os indivíduos classificados como estabelecendo uma vinculação segura são caracterizados por estabelecerem facilmente relações de proximidade com outras pessoas e por se sentirem confortáveis com a intimidade. Por se considerarem pessoas possíveis de serem amadas, não se mostram preocupados com a possibilidade de serem abandonados pelas suas figuras de vinculação. Por seu lado, os indivíduos com um estilo de vinculação insegura-ambivalente manifestam dificuldades na gestão da proximidade com o outro; conscientes da sua própria necessidade de uma maior proximidade, receiam que este aspeto leve ao afastamento e perda da amizade/amor das figuras significativas. Por fim, o estilo de vinculação insegura-evitante é caracterizado pelo desconforto que os indivíduos sentem em relação à proximidade e à intimidade que as relações com as pessoas significativas podem implicar. Estes indivíduos tendem a evidenciar dificuldade em confiar no outro, uma vez que percebem as figuras de vinculação como não responsivas em situações de adversidade (Hazan & Shaver, 1987).

Assim, a perturbação emocional resulta de um percurso não funcional no desenvolvimento psicológico que se deve à formação de representações negativas acerca das relações com os outros que influenciam avaliações irrealistas, o que ilustra a importância das relações precoces ao nível da morbilidade psicológica (Atkinson, 1997; Bowlby, 1985), destacando-se a importância da parentalidade. A este propósito refiram-se as associações descritas na literatura entre a qualidade da vinculação da criança e o comportamento parental (Koehn & Kerns, 2018).

Quando referimos os estilos educativos parentais, temos que ter em atenção que existem dois constructos fundamentais: *práticas educativas parentais* e *estilos educativos parentais* (Darling & Steinberg, 1993). Segundo Bornstein (2002), as práticas parentais correspondem às ações manifestadas pelas figuras parentais perante os seus filhos, para

promoverem o seu desenvolvimento da forma mais estável possível, utilizando recursos de que dispõem na família e recorrendo ao apoio da comunidade. Darling e Steinberg (1993) referem-nas como sendo comportamentos definidos por conteúdos específicos e por objetivos de socialização (dos pais em relação à criança/jovem). Operam, portanto, em domínios específicos de socialização, como o desempenho académico e são, por isso, atitudes face ao(s) comportamento(s) da criança/jovem. Já os estilos educativos parentais (Darling & Steinberg, 1993) referem-se ao conjunto de atitudes (gerais) dos pais para com os seus filhos, que são comunicadas a estes e que criam um clima emocional em que os comportamentos dos pais são expressos. Esses comportamentos incluem tanto os comportamentos específicos dirigidos a metas através dos quais os pais desempenham os seus deveres parentais (chamados de práticas parentais; e.g., elogios ou punições), como também comportamentos parentais não dirigidos a metas, ou seja, aspetos da interação, como o tom de voz, a linguagem corporal, a atenção prestada, as mudanças de humor ou expressão espontânea de emoção. Os estilos educativos parentais aplicam-se, por isso, em diferentes situações/domínios (Jorge & González, 2017).

A literatura indica-nos a forte relação entre os estilos educativos parentais, a vinculação e o desenvolvimento e a presença de sintomas psicopatológicos (Basso et al., 2019; Cardoso & Veríssimo, 2013; Cunha et al., 2013; Gross et al., 2017; Koehn & Kerns, 2018; Mendes & Dias, 2018). A qualidade do vínculo na infância encontra-se associada ao bem-estar psicológico do indivíduo, uma vez que o suporte emocional dado pelos progenitores na infância e adolescência constitui um fator de proteção para o desenvolvimento de sintomas psicopatológicos na idade adulta (Canavarro, 1999; Fosco et al., 2019; Hofer & Spengler, 2020; Sijtsema et al., 2014).

No que respeita às emoções, todos os indivíduos já sentiram tristeza, ansiedade, raiva, arrependimento, ciúme, inveja e ressentimento, sendo impossível imaginar viver sem ter tido sentimentos considerados difíceis ou perturbadores. Neste sentido, é reconhecida a importância que as crenças acerca das emoções têm na escolha que os indivíduos fazem das estratégias de regulação emocional, bem como na explicação da presença dos sintomas psicopatológicos (Leahy, 2002; Leahy et al., 2011). Neste sentido, os diferentes esquemas emocionais remetem para o modo como o indivíduo experiencia e conceptualiza as suas emoções (por exemplo, as avalia, julga e interpreta) e para o conjunto de estratégias de regulação emocional, que considera ser apropriado utilizar, quando experiencia uma emoção dolorosa, desagradável ou indesejada (Dinis, 2014; Leahy, 2002; Leahy et al., 2011). As interações familiares, especialmente com os pais, contribuem para o reconhecimento, compreensão e expressão das emoções e para a aprendizagem de estratégias de regulação emocional (Palmeira et al., 2010). Assim sendo, os estilos e as práticas parentais de socialização das emoções são fulcrais para o desenvolvimento das capacidades

socioemocionais e, conseqüentemente para todo o desenvolvimento psicológico (Shaw & Starr, 2019; Voort et al., 2014).

Um ambiente familiar propício à expressão das emoções poderá modelar o indivíduo à expressão emocional, ao invés, a ausência deste ambiente poderá contribuir para a adoção da supressão emocional enquanto estratégia reguladora das emoções (Bretherton, 1996; Dunsmore & Halberstadt, 1997; Milojevich et al., 2019). Assim, défices na regulação emocional podem levar a conseqüências críticas não só a nível das relações sociais, mas também a nível da saúde mental e física (Morgado et al., 2013; Mikolajozak et al., 2008; Mondin, 2008). Neste sentido, estudos sugerem que indivíduos diagnosticados com perturbações de humor ou perturbações ansiógenas manifestam dificuldades na regulação das suas emoções, destacando-se as limitações na identificação e compreensão das emoções (especialmente as negativas) e comportamentos disfuncionais como resposta aos estados emocionais (Basso et al., 2019; Karaer & Akdemir, 2019; Turk et al., 2005; Uhl et al., 2019).

Em síntese, as experiências adversas vividas na infância pautadas pela escassez de cuidado/afeto e/ou excessiva proteção/controlo de cuidadores primários afetam os processos de maturação psicobiológica e têm-se constituído como fatores de risco de relevo no desenvolvimento de psicopatologia na idade adulta (Baumrind, 1978; Bornstein, 2002, 2006; Gilbert et al., 2003; Hofer & Spengler, 2020; Maccoby, 2000; Naragon-Gainey et al., 2017; Sijtsema et al., 2014; Sroufe, 2000, 2002).

Assim sendo, este estudo permite a compreensão sobre a relação entre algumas variáveis familiares (vinculação, estilos educativos parentais e relações familiares) e o funcionamento psicológico de estudantes universitários, nomeadamente ao nível das emoções e da presença de psicopatologia. Neste sentido os objetivos específicos são: 1) estudar a associação entre as variáveis em estudo (estilos educativos parentais, psicopatologia, visão positiva/negativa das emoções, funcionamento familiar e vinculação); 2) analisar as diferenças nas variáveis em estudo em função do sexo, da qualidade da relação com o pai, e de viver com a família diariamente *versus* aos fins-de-semana.

Método

Participantes

A amostra total do estudo contou com 356 estudantes universitários ($N = 356$), sendo que a maioria é do sexo feminino (76.7%). A média de idades é de 21.75 anos ($DP = 5.35$). No que se refere ao estado civil, a maioria dos indivíduos é solteira (94.4%), tem um irmão (60.4%) e não tem filho(s) (95.8%). Relativamente aos cursos que frequentam, os participantes (em papel e *online*) pertencem a 24 cursos diferentes, sendo que a maior parte da amostra é constituída por alunos dos cursos de enfermagem (28.15%), marketing (18.3%), educação social (14.6%), enfermagem veterinária (9.6%) e de gestão de empresas (8.7%).

No que diz respeito às características sociofamiliares da amostra, verificou-se que 41.0% dos participantes reside com a sua família, sendo que destes, 58.4% apenas reside com a família aos fins-de-semanas e nas férias. No que concerne à classificação dos pais como sendo pessoas significativas, a grande maioria considera tanto a mãe (98.6%) como o pai (92.7%) uma pessoa significativa, tal como entende a relação com a mãe (74.4%) e com o pai (53.9%) muito boa.

A amostra foi recolhida em Instituições do Ensino Superior de Viseu e Covilhã e através da rede social *Facebook*. Assim, o protocolo da investigação foi preenchido, respetivamente, em papel e *online*, entre os meses de janeiro e abril de 2017, após a leitura da descrição do estudo, dos objetivos, da garantia da confidencialidade dos dados recolhidos e das instruções de preenchimento. Este protocolo foi composto por Consentimento Informado, Questionário Sociodemográfico, Escala de Vinculação do Adulto (EVA), EMBU - Memórias de Infância, *Systemic Clinical Outcome and Routine Evaluation* (SCORE15), Escala de Esquemas Emocionais (LESS) e Inventário de Sintomas Psicopatológicos (BSI).

Instrumentos

O questionário sociodemográfico elaborado para este estudo é composto por questões de caracterização sociodemográfica: sexo; idade; estado civil; profissão; curso, ano do curso e Universidade/Politécnico/Instituto frequentados; se vive com a família diariamente ou apenas aos fins-de-semana; classificação da qualidade da relação com o pai e com a mãe.

A Escala de Vinculação do Adulto (EVA, *Adult Attachment Scale-R*; Collins & Read, 1990; adaptação e validação portuguesa de Canavarro, 1995) é composta por 18 itens e procura avaliar o tipo de vinculação predominante que o indivíduo estabelece com os outros (Canavarro et al., 2006). O valor dos *alfa* de *Cronbach* encontrados nos estudos portugueses é de .84 para a dimensão Ansiedade, .67 para o Conforto com a Proximidade e .54 para a Confiança nos Outros. Neste estudo os valores do *alfa* de *Cronbach* para as dimensões da EVA são indicadores de uma consistência interna que variou entre razoável, boa e aceitável, respetivamente: Conforto com a Proximidade ($\alpha = .63$), Ansiedade ($\alpha = .87$) e Confiança nos Outros ($\alpha = .52$). Dado esta dimensão da EVA, Confiança nos Outros, ter apresentado um valor de fidedignidade abaixo do recomendável, decidiu-se excluir esta dimensão das análises posteriores do presente estudo.

O EMBU - Memórias de Infância (*Inventory for Assessing Memories of Parental Rearing Behaviour*; Perris et al., 1980; adaptação e validação portuguesa de Canavarro, 1996) é composto por 23 itens de autorresposta que pretendem medir a frequência de ocorrência de determinados estilos educativos parentais durante a infância e adolescência do indivíduo, em relação ao pai e à mãe, separadamente (Canavarro, 1996). No estudo de validação Portuguesa, a consistência interna do EMBU encontrou-se entre .529 e .965. No entanto é de realçar que, através da comparação dos índices de fiabilidade para as escalas do pai e da mãe,

a escala que avalia o estilo educativo materno apresentou maior consistência interna ($\alpha = .66$) do que a versão paterna ($\alpha = .54$). No presente estudo, os valores de *alfa de Cronbach* são, na subescala preenchida em relação à mãe: Suporte Emocional ($\alpha = .82$); Rejeição ($\alpha = .81$); Sobreproteção ($\alpha = .58$); e na subescala preenchida em relação ao pai: Suporte Emocional ($\alpha = .87$); Rejeição ($\alpha = .80$); e Sobreproteção ($\alpha = .50$). Assim as dimensões do EMBU, com exceção da Sobreproteção, evidenciam uma consistência interna classificável entre boa e razoável, podendo os valores mais baixos ser considerados aceitáveis para este tipo de estudo. Uma vez que as dimensões Sobreproteção pai e mãe apresentam valores de fidedignidade abaixo do recomendável, decidiu-se excluí-las das posteriores análises do presente estudo.

O *Systemic Clinical Outcome and Routine Evaluation (SCORE15; Stratton et al., 2010; adaptação e validação portuguesa de Relvas et al., 2010)* é constituído por 15 itens, que permitem avaliar vários aspetos do funcionamento familiar (Vilaça, Silva, & Relvas, 2014). A versão portuguesa da escala apresenta uma boa consistência interna, sendo os *alfa de Cronbach* para as dimensões os seguintes: Recursos Familiares ($\alpha = .85$), Comunicação na Família ($\alpha = .83$) e Dificuldades Familiares ($\alpha = .82$). No nosso estudo, a dimensão Recursos Familiares ($\alpha = .86$) evidencia uma boa consistência interna e as dimensões Comunicação na Família ($\alpha = .75$) e Dificuldades Familiares ($\alpha = .76$) apresentam uma consistência interna razoável. Importa referir que uma pontuação mais elevada na dimensão Comunicação na Família refere-se a mais dificuldades na comunicação na família, sendo que o mesmo se aplica às dimensões Dificuldades Familiares e Recursos Familiares, ou seja, quanto maior for a pontuação, maiores as dificuldades e os recursos familiares.

A Escala de Esquemas Emocionais (LESS, *Leahy Emotional Schemas Scale; Leahy, 2002, 2003; adaptação e validação portuguesa de Dinis e Pinto-Gouveia, 2006*) é um instrumento de autorresposta que permite avaliar o modo como os indivíduos concetualizam as suas emoções (Dinis, 2014). Para ambas as dimensões, uma maior pontuação reflete a maior visão positiva ou maior visão negativa das emoções. No presente estudo o *alfa de Cronbach* para a visão negativa/ disfuncional das emoções foi de .82, indicativo de uma boa consistência interna. Já o *alfa de Cronbach* referente à visão positiva/ funcional das emoções ($\alpha = .54$), apesar de baixo, pode ser considerado aceitável (DeVellis, 1991). Assim, optaremos por manter a análise desta dimensão (visão positiva das emoções) a título exploratório, uma vez que não existem muitos estudos que englobem este constructo.

O Inventário de Sintomas Psicopatológicos (BSI, *Brief Symptom Inventory; Derogatis, 1982; adaptação e validação portuguesa de Canavarro, 1995, 1999*) pretende avaliar a presença de perturbação emocional, sendo constituído por 53 itens em que o indivíduo identifica o grau em que cada problema ou sintoma apresentado o afetou durante a última semana (Canavarro, 2007). No que diz respeito aos níveis de consistência interna das nove dimensões do BSI no estudo de validação Portuguesa, estas apresentam os seguintes valores de *alfa de Cronbach*: $\alpha = .80$ (*Somatização*), $\alpha = .77$ (*Obsessões-Compulsões*), $\alpha = .76$

(Sensibilidade Interpessoal), $\alpha = .73$ (Depressão), $\alpha = .77$ (Ansiedade), $\alpha = .76$ (Hostilidade), $\alpha = .62$ (Ansiedade Fóbica), $\alpha = .72$ (Ideação Paranoide) e $\alpha = .62$ (Psicoticismo). Assim, os valores de alfa situam-se entre .7 e .8 (consistência razoável a boa), à exceção dos valores para as escalas de ansiedade fóbica e de psicoticismo, que apresentam valores ligeiramente inferiores (Canavarro, 2007). Neste estudo, os *alfa de Cronbach* obtidos nas dimensões do BSI foram os seguintes: $\alpha = .80$ (Somatização), $\alpha = .79$ (Obsessões-compulsões), $\alpha = .84$ (Sensibilidade Interpessoal), $\alpha = .85$ (Depressão), $\alpha = .82$ (Ansiedade), $\alpha = .82$ (Hostilidade), $\alpha = .72$ (Ansiedade Fóbica), $\alpha = .78$ (Ideação Paranoide) e $\alpha = .75$ (Psicoticismo). Refira-se que temos uma consistência interna boa em todas as dimensões, com exceção das dimensões Obsessões-Compulsões, Ansiedade Fóbica, Ideação Paranoide e Psicoticismo, que é razoável.

Procedimentos

Para análise dos dados do presente estudo, utilizou-se o programa de análise estatística *IBM SPSS Statistics* versão 21.0 para *Windows*.

Procedeu-se à análise dos valores de *alfa de Cronbach*, que foram interpretados com base nos critérios de DeVellis (1991), em que valores inferiores a .60 correspondem a uma consistência interna inadmissível, aceitável entre .60 e .70, boa entre .70 e .80 e muito boa entre .80 e .90.

Posteriormente, analisou-se a normalidade da distribuição da amostra, calculada através do teste da normalidade de *Kolmogorov-Smirnov*, concluindo-se que a maioria das variáveis na amostra não apresenta uma distribuição normal. Também os valores da assimetria e curtose indicam a não normalidade da amostra, visto variarem entre -1.102 e 1.831 (assimetria) e entre -.483 e 5.715 (curtose). No entanto, utilizaram-se testes paramétricos, dado que o tamanho da amostra é significativamente superior a 30 ($N = 356$).

As correlações de *Pearson* permitiram testar as associações entre as variáveis deste estudo. Na avaliação da magnitude das correlações optou-se pelos critérios de Marôco (2011): fracas quando inferior .25; moderadas entre .25 e .50; fortes entre .50 e .75; muito fortes acima de .75.

Para dar seguimento às associações encontradas, recorreremos ao teste *t* de *Student* para amostras independentes, para analisar diferenças entre grupos (sexo, e viver com a família sempre *versus* aos fins-de-semana) nas variáveis em estudo (estilos parentais, psicopatologia, visão positiva e negativa das emoções, funcionamento familiar, vinculação). Recorreremos ao *d* de *Cohen* de modo a obter uma maior confiança nos resultados obtidos e para interpretar a magnitude das diferenças, que podem ser classificados da seguinte maneira: insignificante ($< .19$); pequeno (.20 e .49); médio (.50 e .79); grande (.80 e 1.29); muito grande (> 1.30), segundo a revisão de Espírito-Santo e Daniel (2015).

Para a análise estatística, procedeu-se à recodificação da variável qualidade da relação com o pai, sendo agrupada em três grupos (muito má/má/ razoável; boa; muito boa).

Numa última análise, utilizou-se, ainda, o teste *One-way* ANOVA para a comparação de três grupos (qualidade da relação com pai: muito má/má/razoável; boa; muito boa), para as variáveis em estudo. O teste *Post-Hoc* de Tukey (HSD) foi utilizado para situar as diferenças entre os grupos na ANOVA. O *eta* quadrado de *Cohen* (η^2) serviu para mensurar a magnitude das diferenças das médias dos grupos, comparadas pelos testes *Post-Hoc* de Tukey (HSD), e usando os valores de referência: .01(fraco); .06 (moderado) e .14 (forte) (Pallant, 2007). Recorreu-se ainda ao ajustamento de *Bonferroni*, uma vez que nestas situações este é descrito como um teste mais robusto do que o *Levene*.

Resultados

Estudo das relações entre estilos educativos parentais, esquemas emocionais, funcionamento familiar e vinculação

Na Tabela 1 expõem-se as correlações de *Pearson* entre os estilos educativos parentais (EMBU: suporte emocional e rejeição), os esquemas emocionais (LESS), o funcionamento familiar (SCORE15: comunicação na família, dificuldades familiares e recursos familiares) e a vinculação (EVA: ansiedade e conforto com a proximidade) em estudantes universitários. Pode verificar-se que existem correlações estatisticamente significativas entre todas estas variáveis e a grande maioria das suas dimensões.

É então possível identificar que a rejeição paterna evidencia associações negativas moderadas e fracas, respetivamente, com os recursos familiares ($r = -.491, p < .01$) e com o conforto com a proximidade ($r = -.154, p < .01$), enquanto a rejeição materna apenas se associa moderada e negativamente com os recursos familiares ($r = -.456, p < .01$). Em oposição, os recursos familiares apresentam uma associação positiva forte com o suporte emocional paterno ($r = .513, p < .01$) e de magnitude moderada com o suporte emocional materno ($r = .458, p < .01$), enquanto que a variável conforto com a proximidade apresenta uma associação fraca com o suporte emocional materno ($r = .235, p < .01$) e paterno ($r = .222, p < .01$). Assim, destaque-se que a rejeição paterna e materna apresentam associações positivas de magnitude fraca com a visão positiva ($r = .189, p < .01$; $r = .197, p < .01$) e negativa das emoções ($r = .219, p < .01$; $r = .199, p < .01$) e de magnitude moderada com a comunicação na família ($r = .312, p < .01$; $r = .351, p < .01$), com as dificuldades familiares ($r = .343, p < .01$; $r = .292, p < .01$) e com a ansiedade da vinculação ($r = .295, p < .01$; $r = .236, p < .01$).

Tabela 1. Correlações entre o EMBU, o LESS, o SCORE15 e EVA.

	PosiEm	NegEm	ComFam	DifFam	RecFam	Ansied	ConfPro
RejPai	.189**	.219**	.312**	.343**	-.491**	.295**	-.154**
SEPAi	-.143**	-.128*	-.253**	-.268**	.513**	-.242**	.222**
RejMãe	.197**	.199**	.351**	.292**	-.456**	.236**	-.097
SEMãe	-.011	-.043	-.226**	-.205**	.458**	-.186**	.235**
PosiEm	–	–	.081	.120*	-.053	.384**	-.097
NegEm	–	–	.137**	.233**	-.140**	.429**	-.092
ComFam	–	–	–	–	–	.224**	-.206**
DifFam	–	–	–	–	–	.311**	-.250**
RecFam	–	–	–	–	–	-.255**	.328**

Notas: Correlação de Pearson (* $p < .05$; ** $p < .01$); RejPai = Dimensão Rejeição Pai do EMBU; SEPAi = Dimensão Suporte Emocional Pai do EMBU; RejMãe = Dimensão Rejeição Mãe do EMBU; SEMãe = Dimensão Suporte Emocional Mãe do EMBU; PosiEm = Visão Positiva das Emoções do LESS; NegEm = Visão Negativa das Emoções do LESS; ComFam = Comunicação na Família do SCORE15; DifFam = Dificuldades Familiares do SCORE15; RecFam = Recursos Familiares do SCORE15; Ansied = Ansiedade da EVA; ConfPro = Conforto com a Proximidade da EVA

As dimensões do LESS, visão positiva e negativa das emoções, associam-se com as dificuldades familiares ($r = .120, p < .05$; $r = .233, p < .01$) e moderadamente com a ansiedade ($r = .384, p < .01$; $r = .429, p < .01$), ao passo que a visão negativa das emoções demonstrou uma associação negativa fraca com os recursos familiares ($r = -.140, p < .01$), e positiva fraca com a comunicação na família ($r = .137, p < .01$).

A comunicação na família e as dificuldades familiares apresentam associações de magnitude fraca, positivas com a ansiedade ($r = .224, p < .01$; $r = .311, p < .01$) e negativas com o conforto com a proximidade ($r = -.206, p < .01$; $r = -.250, p < .01$). Já os recursos familiares evidenciam associações de magnitude moderada, negativa com a ansiedade ($r = -.255, p < .01$) e positiva com o conforto com a proximidade ($r = .328, p < .01$).

Em suma, não se verificaram associações significativas, entre a dimensão suporte emocional mãe com as dimensões visão positiva e negativa das emoções; o mesmo se aplica com a dimensão rejeição mãe, que também não apresenta associação significativa com a dimensão conforto com a proximidade. Na dimensão visão positiva das emoções não se verificou associações significativas com a comunicação na família e os recursos familiares; tal

como a dimensão visão negativa das emoções não apresenta associação significativa com o conforto com a proximidade.

Estudo das relações entre a sintomatologia psicopatológica, estilos educativos parentais, esquemas emocionais, funcionamento familiar e vinculação

Tabela 2. Correlações entre o BSI, o EMBU-Memórias de Infância, o LESS, o SCORE15 e EVA.

	BSI S	BSI OC	BSI SI	BSI D	BSI A	BSI H	BSI AF	BSI IP	BSI P	BSI IGS
RejPai	.275**	.222**	.393**	.352**	.272**	.272**	.194**	.368**	.299**	.370**
SE Pai	-.048	-.113*	-.262**	-.303**	-.100	-.136*	-.072	-.199**	-.216**	-.209**
RejMãe	.293**	.232**	.314**	.317**	.209**	.240**	.232**	.278**	.299**	.334**
SE Mãe	-.119*	-.166**	-.244**	-.329**	-.134**	-.140**	-.151**	-.175**	-.255**	-.236**
PosiEm	.269**	.338**	.411**	.362**	.316**	.308**	.245**	.392**	.425**	.416**
NegEm	.315**	.432**	.429**	.432**	.375**	.398**	.256**	.488**	.463**	.490**
ComFam	.197**	.216**	.205**	.264**	.147**	.242**	.098	.141**	.263**	.251**
DiffFam	.321**	.311**	.281**	.359**	.285**	.325**	.155**	.297**	.339**	.380**
RecFam	-.223**	-.259**	-.283**	-.369**	-.229**	-.278**	-.216**	-.224**	-.338**	-.340**
Ansied	.300**	.409**	.530**	.501**	.350**	.340**	.260**	.432**	.468**	.499**
ConfPro	-.165**	-.197**	-.244**	-.242**	-.218**	-.144**	-.259**	-.148**	-.274**	-.255**

Notas: Correlação de Pearson (*p < .05; **p < .01); BSI S = Somatização do BSI; BSI OC = Obsessões Compulsões do BSI; BSI SI = Sensibilidade Interpessoal do BSI; BSI D = Depressão do BSI; BSI A = Ansiedade do BSI; BSI H = Hostilidade do BSI; BSI AF = Ansiedade Fóbica do BSI; BSI IP = Ideação Paranoide do BSI; BSI P = Psicoticismo do BSI; BSI IGS = Índice Geral de Sintomas do BSI; RejPai = Dimensão Rejeição Pai do EMBU; SE Pai = Dimensão Suporte Emocional Pai do EMBU; RejMãe = Dimensão Rejeição Mãe do EMBU; SE Mãe = Dimensão Suporte Emocional Mãe do EMBU; PosiEm = Visão Positiva da Emoções do LESS; NegEm = Visão Negativa das Emoções do LESS; ComFam = Comunicação na Família do SCORE15; DiffFam = Dificuldades Familiares do SCORE15; RecFam = Recursos Familiares do SCORE15; Ansied = Ansiedade da EVA; ConfPro = Conforto com a Proximidade da EVA

Na Tabela 2 apresentam-se as correlações de *Pearson* entre a sintomatologia psicopatológica (BSI), os estilos educativos parentais (EMBU), os esquemas emocionais (LESS), o funcionamento familiar (SCORE15) e a vinculação (EVA).

Encontraram-se associações estatisticamente significativas entre a sintomatologia psicopatológica (dimensões e índice geral de sintomas (IGS) do BSI) e todas as dimensões dos estilos educativos parentais (pai e mãe), com exceção da ausência de correlações significativas entre o suporte emocional paterno e as dimensões somatização, ansiedade e ansiedade fóbica do BSI. Existem também correlações significativas entre a sintomatologia psicopatológica (dimensões e IGS do BSI) e as dimensões dos esquemas emocionais, do funcionamento

familiar e da vinculação, excetuando-se a dimensão comunicação na família, que não apresenta correlação significativa com a ansiedade fóbica. De um modo geral, a sintomatologia psicopatológica apresenta associações positivas com a rejeição materna e paterna, as dificuldades de comunicação na família, as dificuldades familiares, a visão positiva emoções ($r = .416, p < .01$) e a visão negativa das emoções ($r = .490, p < .01$) e a ansiedade da vinculação ($r = .499, p < .01$). Por outro lado, a sintomatologia psicopatológica tem associações negativas com o suporte emocional materno e paterno, os recursos familiares e o conforto com a proximidade.

Análise das variáveis em estudo em função do sexo, da qualidade da relação com o pai e de residir com a família

Após o estudo das associações entre as variáveis principais e com base nos resultados obtidos, que sublinhavam a existência de correlações estatisticamente significativas entre as principais variáveis em estudo, em função do sexo, da qualidade da relação com o pai e de residir com a família diariamente *versus* aos fins-de-semana, usámos o teste *t* de *Student* para amostras independentes, para análise das diferenças nas variáveis centrais do nosso estudo em função do sexo dos sujeitos.

Assim, verificou-se a existência de diferenças estatisticamente significativas entre o sexo feminino e masculino, sendo que as mulheres percecionam maior rejeição paterna, maior visão positiva das emoções, maior ansiedade na vinculação e maior presença de sintomas psicopatológicos; por outro lado, o sexo masculino perceciona um maior suporte emocional paterno, mais recursos familiares e maior conforto com a proximidade. O *d* *Cohen* permite constatar que o efeito da magnitude das diferenças das médias é pequeno para a maioria das variáveis, à exceção da variável somatização e ansiedade do BSI em que o valor do efeito da magnitude é médio, e da visão positiva das emoções cujo valor do efeito da magnitude é muito grande (Tabela 3).

Recorremos ao teste *one-way* da ANOVA para comprar médias entre três grupos, no sentido de averiguar as diferenças das variáveis centrais do nosso estudo em função da classificação dada à qualidade da relação com o pai (muito má/má/razoável; boa; muito boa; Tabela 4).

Tabela 3. Diferenças no EMBU, BSI, LESS, SCORE15 e EVA em função do sexo.

	Sexo		t	p	d Cohen
	Feminino	Masculino			
	M (DP) N = 220-273	M (DP) N = 67-83			
RejPai	9.63 (3.39)	8.94 (2.71)	1.516	.045	0.21
SE Pai	17.98 (4.89)	19.02 (3.42)	-2.154	.016	0.23
PosiEm	82.44 (10.72)	18.98 (8.67)	2.680	.004	6.17
RecFam	16.91 (3.64)	17.71 (3.18)	-1.943	.027	0.23
Ansied	14.40 (4.77)	13.02 (4.60)	2.337	.010	0.29
ConfPro	17.67 (3.04)	18.73 (2.95)	-2.809	.002	0.35
BSI S	4.55 (4.00)	2.10 (2.93)	6.087	.000	0.65
BSI OC	6.08 (3.82)	4.82 (3.57)	2.659	.004	0.33
BSI SI	3.37 (3.07)	2.19 (2.41)	3.645	.000	0.40
BSI D	5.33 (4.14)	3.83 (3.58)	2.972	.001	0.37
BSI A	5.38 (3.81)	3.51 (3.03)	4.600	.000	0.51
BSI AF	1.94 (2.33)	1.19 (1.85)	3.030	.001	0.34
BSI P	3.39 (3.02)	2.57 (2.47)	2.234	.013	0.28
BSI IGS	49.78 (31.27)	36.40 (26.74)	3.523	.000	0.44

Notas: M = Média; DP = Desvio Padrão; N = número de sujeitos da amostra; t = Teste t de Student; p = nível de significância ($p < .05$); RejPai = Dimensão Rejeição Pai do EMBU; SE Pai = Dimensão Suporte Emocional Pai do EMBU; BSI S = Somatização do BSI; BSI OC = Obsessões Compulsões do BSI; BSI SI = Sensibilidade Interpessoal do BSI; BSI D = Depressão do BSI; BSI A = Ansiedade do BSI; BSI AF = Ansiedade Fóbica do BSI; BSI P = Psicoticismo do BSI; BSI IGS = Índice Geral de Sintomas do BSI; PosiEm = Visão Positiva da Emoções do LESS; RecFam = Recursos Familiares do SCORE15; Ansied = Ansiedade da EVA; ConfPro = Conforto com a Proximidade da EVA

Assim, identificaram-se diferenças estatisticamente significativas na dimensão rejeição pai (EMBU) de magnitude forte ($\eta^2 = .26$). As comparações *Post-Hoc* de Tukey (HSD) situam as diferenças entre os três tipos de relação (Muito Má/Má/Razoável: $M = 13.10$; Boa: $M = 9.98$; Muito Boa: $M = 8.24$), isto é, quanto menor é a qualidade da relação com o pai, maior é pontuação na rejeição paterna. Na subescala suporte emocional pai (EMBU) também se verificaram diferenças significativas de magnitude forte ($\eta^2 = .35$), com as comparações *Post-Hoc* de Tukey (HSD) a identificarem as diferenças entre os três tipos de relação (Muito Má/Má/Razoável: $M = 12.25$; Boa: $M = 17.55$; Muito Boa: $M = 20.22$), o que significa que quanto maior for a qualidade da relação com o pai, maior é o suporte emocional paterno percebido.

Nos esquemas emocionais (LESS) verificaram-se diferenças estatisticamente significativas de magnitude fraca, na visão positiva ($\eta^2 = .03$) e negativa das emoções ($\eta^2 = .03$), dependendo da qualidade da relação com o pai. As comparações *Post-Hoc* de Tukey (HSD) identificaram as diferenças para a visão positiva das emoções (relação paterna Muito Má/Má/Razoável: $M = 84.99$ vs. Muito Boa: $M = 80.24$) e para a visão negativa das emoções (relação paterna Muito Má/Má/Razoável: $M = 74.56$ vs. Muito Boa: $M = 68.81$; Boa: $M = 73.37$ vs. Muito Boa: $M = 68.81$). As diferenças de médias indicam, então, que quanto menor é a qualidade da relação com o pai, maior é a visão positiva e negativa das emoções.

No funcionamento familiar (SCORE15) também se encontraram diferenças estatisticamente significativas de acordo com a classificação da qualidade da relação com o pai, de magnitude forte nos recursos familiares ($\eta^2 = .19$) e de magnitude moderada na comunicação na família ($\eta^2 = .08$) e nas dificuldades familiares ($\eta^2 = .09$). As comparações *Post-Hoc* de Tukey (HSD) identificaram que quanto melhor é a qualidade da relação com o pai, maiores são os recursos familiares (Muito Má/Má/Razoável: $M = 14.72$ vs. Muito Boa: $M = 18.51$; Boa: $M = 15.84$ vs. Muito Boa: $M = 18.51$), menores são as dificuldades na comunicação na família (Muito Má/Má/Razoável: $M = 9.90$ vs. Muito Boa: $M = 7.74$; Boa: $M = 9.34$ vs. Muito Boa: $M = 7.74$), e menores são as dificuldades familiares sentidas (Muito Má/Má/Razoável: $M = 11.04$ vs. Muito Boa: $M = 8.23$; Boa: $M = 9.78$ vs. Muito Boa: $M = 8.23$).

Ainda no que diz respeito à qualidade da relação com o pai, foram encontradas diferenças significativas, de magnitude fraca, na vinculação (EVA), designadamente na ansiedade ($\eta^2 = .02$) e no conforto com a proximidade ($\eta^2 = .03$). As comparações *Post-Hoc* de Tukey (HSD) indicam que quanto melhor é a qualidade da relação com o pai, menor é a ansiedade (Muito Má/Má/Razoável: $M = 15.48$ vs. Muito Boa: $M = 13.69$; no entanto, com o ajustamento de *Bonferroni* as diferenças encontradas deixam de ser significativas) e maior é o conforto com a proximidade (Muito Má/Má/Razoável: $M = 16.95$ vs. Muito Boa: $M = 18.34$). Assim, quando a qualidade da relação com o pai é Muito Má/Má/Razoável, os indivíduos tendem a sentir-se mais ansiosos e menos confiantes na proximidade com outros.

Por fim, em todas as dimensões do BSI (sintomatologia psicopatológica) verificaram-se diferenças significativas, de magnitude fraca, em função da qualidade da relação com o pai. As comparações *Post-Hoc* de Tukey (HSD) localizam as diferenças de médias entre os três grupos (relação com o pai Muito Má/Má/Razoável vs. Muito Boa; Boa vs. Muito Boa) na depressão, ansiedade, hostilidade e IGS. Já na somatização, sensibilidade interpessoal, ideação paranoide e psicoticismo as diferenças surgem entre dois grupos: qualidade da relação com o pai Muito Boa versus Muito Má/Má/Razoável. Nas obsessões-compulsões há diferenças entre o grupo relação com o pai Boa versus Muito Boa. Por fim, o teste *Post-Hoc* de Tukey não localiza diferenças entre as médias na ansiedade fóbica. Em resumo, a presença de sintomas psicopatológicos é maior quanto pior é a qualidade da relação com o pai.

Em síntese, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas em todas as variáveis estudadas (estilos educativos parentais, esquemas emocionais, funcionamento familiar e vinculação) em função da qualidade da relação com o pai. Não obstante, aplicando o ajustamento *Bonferroni* ($p < .017$), uma vez que estamos a fazer comparações entre três grupos, as diferenças deixam de ser significativas apenas para as variáveis ansiedade fóbica do BSI e ansiedade da EVA.

Tabela 4. Diferenças no EMBU, BSI, LESS, SCORE15 e EVA em função da qualidade da relação com o Pai

	Qualidade da Relação com o Pai			F	p	η^2 de Cohen
	<u>Muito Má/ Má/ Razoável</u> M (DP) N = 40-55	<u>Boa</u> M (DP) N = 90-107	<u>Muito Boa</u> M (DP) N = 156-192			
RejPai	13.10 (4.92)	9.98 (3.32)	8.24 (1.45)	49.405	.001	.26
SEPai	12.25 (4.94)	17.55 (3.76)	20.22 (3.22)	94.254	.001	.35
BSI S	5.30 (4.63)	4.37 (3.87)	3.38 (3.61)	6.078	.003	.03
BSI OC	6.52 (4.38)	6.36 (3.82)	5.25 (3.53)	4.234	.015	.02
BSI SI	4.26 (3.60)	3.37 (3.08)	2.60 (2.58)	7.552	.001	.04
BSI D	6.52 (5.31)	5.66 (3.92)	4.16 (3.53)	9.828	.001	.05
BSI A	6.20(4.54)	5.44 (3.58)	4.30 (3.41)	7.236	.001	.04
BSI H	4.89 (3.78)	5.00 (3.56)	3.59 (2.71)	8.226	.001	.04
BSI AF	2.11 (2.64)	2.07 (2.41)	1.48 (1.97)	3.221	.041	.02
BSI IP	5.74 (3.33)	4.90 (3.50)	4.20 (2.96)	5.378	.005	.03
BSI P	4.00 (3.51)	3.55 (3.05)	2.76 (2.57)	5.172	.006	.03
BSI IGS	58.18 (37.90)	51.87 (30.35)	40.38 (27.16)	9.873	.001	.05
PosiEm	84.99 (10.63)	82.41 (9.91)	80.24 (10.40)	4.979	.007	.03
NegEm	74.56 (12.67)	73.37 (12.81)	68.81 (14.77)	5.750	.003	.03
RecFam	14.72 (4.04)	15.84 (3.59)	18.51 (2.66)	41.805	.001	.19
ComFam	9.90 (3.33)	9.34 (3.58)	7.74 (2.94)	14.237	.001	.08
DiffFam	11.04 (3.57)	9.78 (3.66)	8.23 (3.37)	16.438	.001	.09
Ansied	15.48 (5.16)	14.04 (4.16)	13.69 (4.91)	3.063	.048	.02
ConfPro	16.95 (3.57)	17.67 (3.07)	18.34 (2.81)	5.064	.007	.03

Notas: M = Média; DP = Desvio Padrão; N = número de sujeitos da amostra; F = Teste *One-way* ANOVA; p = nível de significância ($p < .05$); η^2 de Cohen = *eta* quadrado de Cohen; RejPai = Dimensão Rejeição Pai do EMBU; SEPai = Dimensão Suporte Emocional Pai do EMBU; BSI S = Somatização do BSI; BSI OC = Obsessões Compulsões do BSI; BSI SI = Sensibilidade Interpessoal do BSI; BSI D = Depressão do BSI; BSI A = Ansiedade do BSI; BSI H = Hostilidade do BSI; BSI AF = Ansiedade Fóbica do BSI; BSI IP = Ideação Paranoide do BSI; BSI P = Psicoticismo do BSI; BSI IGS = Índice Geral de Sintomas do BSI; NegEm = Visão Negativa das Emoções do LESS; PosiEm = Visão Positiva das Emoções do LESS; RecFam = Recursos Familiares do SCORE15; ComFam = Comunicação na Família do SCORE15; DiffFam = Dificuldades Familiares do SCORE15; Ansied = Ansiedade da EVA; ConfPro = Conforto com a Proximidade da EVA

No que diz respeito à variável residir diariamente com a família *versus* ao fim de semana e férias, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa de magnitude baixa na dimensão conforto com a proximidade, ou seja, quem reside sempre com a família apresenta um maior conforto com a proximidade.

Tabela 5. Diferença na EVA em função de residir sempre com a família vs. apenas aos fins de semana

	Residir sempre com a família vs. fins-de-semana				<i>t</i>	<i>p</i>	<i>d Cohen</i>
	Sempre <i>M (DP)</i>	<i>N</i>	Fim de semana <i>M (DP)</i>	<i>N</i>			
ConfPro	18.32 (2.86)	146	17.68 (3.12)	208	1.959	.025	0.21

Notas: *M* = Média; *DP* = Desvio Padrão; *N* = número de sujeitos da amostra; *t* = Teste *t* de *Student*; *p* = nível de significância ($p < .05$); ConfPro = Conforto com a Proximidade da EVA

Discussão

O presente estudo verificou a associação entre os estilos educativos parentais materno e paterno, psicopatologia, visão positiva/negativa das emoções, funcionamento familiar e vinculação.

A este propósito, a literatura tem evidenciado que os estilos educativos parentais adotados pelos pais têm um papel fulcral no desenvolvimento dos filhos (Canavarro, 1996; Cunha et al., 2013). Canavarro (1996) realça que a relação dos pais com os filhos tem um grande impacto nas áreas de desenvolvimento emocional, cognitivo e da personalidade, assim como no desenvolvimento de psicopatologia. Assim, as experiências com os pais na infância e o vínculo estabelecido com os mesmos influenciam a qualidade das relações na fase adulta (Pinheiro, 2015; Simons et al., 2014; Soares 2012). A influência das experiências com os pais na infância surge nas primeiras interações com outras pessoas, e expressa-se nos padrões de vinculação que o indivíduo apresentará nas suas interações interpessoais significativas (Bretherton & Munholland, 1999).

Referente aos resultados propriamente ditos, observa-se uma escassez de informação específica na literatura que relacione o funcionamento familiar com algumas das variáveis em estudo, designadamente os estilos educativos parentais e a visão positiva e negativa das emoções.

No que respeita à associação entre a presença de sintomas psicopatológicos (BSI) e as restantes variáveis em estudo, verifica-se que quanto mais sintomatologia psicopatológica, maior a rejeição materna e paterna, maior a ansiedade da vinculação, maiores as dificuldades familiares e de comunicação na família, e mais comprometida está a visão positiva e negativa das emoções. Por outro lado, quanto maior é a presença de sintomas psicopatológicos, menor é a perceção de suporte emocional materno e paterno, menores são os recursos familiares e menor é o conforto com a proximidade. Os resultados são convergentes com a literatura, que refere a forte relação do desenvolvimento de psicopatologia com a vinculação (e.g., Akcinar & Shaw, 2018; Gross et al., 2017; Koehn & Kerns, 2018) e com os estilos educativos parentais (e.g., Fosco et al., 2019; Hofer & Spengler, 2020; Sijtsema et al., 2014).

Destaca-se do presente estudo que quanto maior é a ansiedade na vinculação, maior é a presença de sintomatologia psicopatológica (obsessões compulsões, sensibilidade interpessoal, depressão, ideação paranoide e psicoticismo). Vários estudos têm sublinhado a associação entre a presença de sintomas psicopatológicos e a vinculação insegura ambivalente e evitante (e.g., Akcinar & Shaw, 2018; Gross et al., 2017; Hazan & Shaver, 1987; Voort et al., 2014). A literatura aponta mesmo a vinculação insegura como um fator de risco para o desenvolvimento de sintomas psicopatológicos (Hong & Park, 2012; Mikulincer & Shaver, 2012; Uytun et al., 2013). Deste modo, os indivíduos com vinculação insegura apresentam maiores níveis de sintomatologia depressiva (Altin & Terzi, 2010; Simpsons, 1990) e ansiosa (Eijck et al., 2012) na adolescência e na idade adulta. Estudos revelam igualmente que a confiança, proximidade/intimidade e ansiedade influenciam o estabelecimento/manutenção da relação de vinculação (Canavarro et al., 2006; Collins & Read, 1990). A este propósito, os investigadores têm sublinhado que a qualidade do vínculo na infância encontra-se associada ao bem-estar psicológico do indivíduo, uma vez que o suporte emocional dado pelos progenitores na infância e adolescência constitui um fator de proteção para o desenvolvimento de psicopatologia na idade adulta (Canavarro, 1999).

O presente estudo sublinha que quanto maior é a visão negativa das emoções, maior é a presença de sintomatologia psicopatológica (obsessões-compulsões, sensibilidade interpessoal, depressão, ideação paranoide, psicoticismo e IGS). No mesmo sentido, várias pesquisas têm identificado uma associação entre a regulação emocional e o desenvolvimento de psicopatologia (e.g., Basso et al., 2019; Karaer & Akdemir, 2019; Uhl et al., 2019). Os resultados vão ao encontro dos estudos realizados (Atkinson, 1997; Bowlby, 1989, 1985), ao referirem que as emoções são usualmente um reflexo do estado dos vínculos afetivos de uma pessoa. Neste sentido, é reconhecida a importância que as crenças acerca das emoções têm na escolha que os indivíduos fazem das estratégias de regulação emocional, bem como na explicação da psicopatologia (Leahy, 2002; Leahy et al., 2011). Acrescente-se que a perturbação emocional resulta da formação de representações mentais negativas acerca das relações com os outros que influenciam avaliações irrealistas, o que ilustra a importância das relações precoces ao nível da morbilidade psicológica (Atkinson, 1997; Bowlby, 1985). Destaque-se, ainda, as associações encontradas na literatura entre os estilos parentais e a transmissão intergeracional da capacidade de regulação emocional (e.g., Shaw & Starr, 2019).

Outro objetivo desta investigação remete para o estudo das diferenças nas principais variáveis em função de algumas variáveis sociodemográficas (sexo) e relacionais (qualidade da relação com o pai; residir sempre com a família vs. só ao fim de semana). No que respeita às diferenças em função do sexo, verificou-se que as mulheres percecionam maior rejeição paterna e menor suporte emocional paterno, comparativamente aos homens. Segundo Lima (2012) as mulheres que vivenciam a experiência de terem sido abandonadas ou rejeitadas pela figura paterna nos relacionamentos amorosos procuram preencher as lacunas afetivas

deixadas pelos pais ausentes. Desse modo, as mulheres parecem depositar nos parceiros amorosos todas as frustrações e expectativas de resgate do abandono imposto pela figura paterna na infância (Sanford, 2004). No estudo de Dwairy (2010), com uma amostra de adolescentes, verificou-se que os pais tendem a ser percebidos como mais rejeitantes do que as mães, no entanto, contrariamente aos resultados da presente investigação, são os rapazes os que se sentem mais rejeitados, comparativamente às raparigas. Também Araújo (2003), verificou que os homens percebem maior rejeição paterna, comparativamente com as mulheres, ao passo que são as mulheres que identificam maior suporte emocional por parte do pai, quando comparadas com o sexo masculino.

No estudo das diferenças nos esquemas emocionais, verifica-se que as mulheres tendem a conceitualizar as emoções de forma mais adaptativa/positiva, comparativamente aos homens. Segundo a literatura, as emoções consideradas como positivas estão mais fortemente associadas às mulheres, designadamente as emoções relacionadas com maior sensibilidade na interação social, ao passo que as emoções negativas (tais como, a raiva e ira) estão sobretudo associadas aos homens, emoções estas que aparecem relacionadas com o fator dominância (Fisher, 2000 citado em Hoffman et al., 2006).

Também os resultados do funcionamento familiar assinalam que as mulheres percebem uma menor capacidade de adaptação da família do que os homens. Estes resultados vão ao encontro da literatura, que refere que as mulheres demonstram uma maior suscetibilidade em situações de crise, muito pelo facto de se envolverem, mais do que os homens, nas relações familiares (Aytac & Rankin, 2009; Kwon et al., 2003).

Por fim, a análise das diferenças na vinculação indica que os homens apresentam um maior conforto com a proximidade comparativamente às mulheres, ou seja, maior facilidade no estabelecimento de relações de proximidade. Por outro lado, as mulheres do nosso estudo apresentam maior ansiedade do que os homens no que se refere à preocupação com a possibilidade de serem abandonadas ou rejeitadas. A literatura indica diferenças de género no tipo da vinculação de crianças e adultos (Ammantini et al., 2005; Del Giudice, 2019; Mayselless, 2005; Simões, 2011; Soares, 1996). Todavia, os estudos com crianças em idade escolar e com adolescentes descrevem uma maior diferenciação do tipo da vinculação em função do género da criança, à medida que esta fica mais velha (Del Giudice, 2019). O sexo feminino obtém uma maior percentagem de vinculação segura (Granot & Mayselless, 2001; Kerns et al., 2000, Michiels et al., 2010; Simões, 2011), enquanto os sujeitos do sexo masculino são mais evitantes (Granot & Mayselless, 2001; Simões, 2011). Também são descritas diferenças de sexo na transmissão intergeracional da vinculação, em que o estilo de vinculação do pai se relaciona mais com o estilo de vinculação dos filhos do género masculino e o estilo de vinculação da mãe com o estilo de vinculação das filhas (Mikulincer & Florian, 1999; Roelofs et al., 2008; Soares 2012). Segundo Soares (2012) as raparigas apresentam maior necessidade da confiança e segurança materna para terem uma melhor integração junto dos pares,

enquanto os rapazes apenas necessitam de uma maior disponibilidade paterna. Ou seja, a vinculação diverge entre os sexos e são esperadas respostas diferentes entre pai e mãe. Porém, também é relatada a ausência de diferenças entre os género feminino e masculino na qualidade da vinculação de crianças e adolescentes (Carvalho, 2007; Root & Denham, 2010). Não obstante, estes resultados das diferenças entre sexos devem ser analisados com cautela, uma vez que a maioria da amostra deste estudo é composta por sujeitos do sexo feminino, o que pode enviesar alguns dos resultados encontrados.

Ainda dentro das diferenças entre médias, quanto melhor é a qualidade da relação com o pai, maior é a perceção de suporte emocional paterno, o conforto com a proximidade e os recursos familiares, e menor é a rejeição paterna percebida, as dificuldades familiares sentidas, as dificuldades na comunicação na família, a presença da visão positiva e negativa das emoções, e ainda a sintomatologia psicopatológica (somatização, obsessões-compulsões, sensibilidade interpessoal, depressão, ansiedade, hostilidade, ideação paranoide, psicoticismo e IGS). Estes resultados vão ao encontro dos estudos que referem que a forma como a criança percebe a relação com o cuidador influencia a forma como ela se vê a si mesma e aos outros, bem como sente que as suas necessidades são ou não satisfeitas, o que numa fase mais adulta irá ser visível através do tipo de vinculação que esta irá estabelecer (Ainsworth et al., 1978; Berlin et al., 2008; Bowlby, 1998; Holmes, 1993). No mesmo sentido, estudos de Simons e colaboradores (2014) e Pinheiro (2015) realçam a influência que as relações estabelecidas com os pais durante a infância estão associadas a numerosas características individuais, muitas das quais parecem influenciar a qualidade das relações na fase adulta. Refira-se que é na família que se desenvolvem os modelos internos dinâmicos, que são as representações mentais acerca de si, dos outros e do que podem esperar da relação (Ainsworth et al., 1978; Berlin et al., 2008; Bowlby, 1998; Holmes, 1993). Isto significa que o tipo de vínculo estabelecido na relação com os pais está associado ao tipo de vinculação que se estabelece na fase adulta. Assim, os resultados do nosso estudo vão ao encontro da literatura, que refere que é através dos modelos internos dinâmicos que os esquemas de vinculação se refletem na personalidade dos indivíduos e nas relações futuras (Collins & Read, 1990; Hazan & Shaver, 1987; Morgan & Shaver, 1999; Verhage et al., 2018).

Os estudos indicam que uma boa comunicação entre pais e filhos permite que haja oportunidades de participação e troca de ideias, facilitadora do processo de autonomia dos filhos (Koesten, 2004). Sendo que os recursos familiares se referem à capacidade de mudanças necessárias por parte da família, face ao contexto e às dificuldades, o que envolve alguma flexibilidade (Dias, 2000), a qualidade da comunicação entre pais e filhos é importante, pois promove um desenvolvimento saudável dos filhos (Fosco et al., 2019; López et al., 2007; Meschke & Juang, 2014; Sublinhe-se, ainda, que as dificuldades familiares se referem à sobrecarga do sistema familiar que, segundo os resultados obtidos, é menor quando a relação com o pai é melhor. Uma vez mais é oportuno recordar que a família é o primeiro agente de

socialização responsável por promover o desenvolvimento dos filhos da forma mais estável possível (Darling & Steinberg, 1993; López et al., 2007; Meschke & Juang, 2014; Simons et al., 2004).

Por fim, quando se analisam as diferenças nas variáveis em função do tempo de residência com a família refira-se que quem vive sempre com a família sente maior conforto com a proximidade, comparativamente com quem vive apenas ao fim de semana. Estes resultados são convergentes com outros estudos (Bowlby, 1989; Dalbem & Dell'Aglio, 2005) que indicam que quanto maior a presença da figura de vinculação, maior é o conforto, ou seja, a pessoa acaba por ter um maior conforto com a proximidade.

Importa igualmente, refletir sobre as limitações que o estudo apresenta. A primeira limitação é o facto de o protocolo de investigação não ter sido aplicado pessoalmente pela investigadora responsável em todas as instituições de ensino superior, o que impediu possíveis esclarecimentos de dúvidas aquando a sua aplicação. A extensão do protocolo também se revelou uma limitação, na medida em que pode ter contribuído para respostas tendencialmente dicotómicas ou centrais. Refira-se, igualmente, que a amostra ser composta maioritariamente pelo sexo feminino poderá ter tido influência nos resultados obtidos. Ainda, por se tratar de um estudo transversal, é preciso ter em atenção a forma como são lidos os resultados, nomeadamente do BSI, em que as respostas são dadas de acordo com o que se sentiu na última semana, e basta os estudantes universitários estarem em fase de exames ou numa fase final de semestre para que as respostas possam ser tendencialmente dicotómicas. Não obstante, em função das características deste estudo, isto é, sendo um estudo transversal não é possível fazer inferências sobre o impacto a longo prazo das relações parentais estabelecidas na infância e adolescência no estado psicopatológico atual dos sujeitos.

Apesar das limitações, o presente estudo contribui com uma visão geral da perspetiva dos estudantes universitários face aos estilos educativos parentais, à perceção da qualidade da relação familiar, à visão positiva e negativa das emoções, à vinculação que estes estabelecem e ao funcionamento familiar. Os resultados deixam um contributo para investigações futuras, pois vêm realçar a importância que estes fatores têm no funcionamento geral da família e a nível individual. O mesmo se aplica às diferenças encontradas em função da qualidade da relação mantida com o pai e o impacto que esta tem na presença de sintomas psicopatológicos, ou seja, a importância da relação estabelecida com as figuras significativas. Acrescenta-se, também, que este estudo contribui para o delineamento de linhas de prevenção e intervenção clínica e comunitária, que permitem melhorar o bem-estar dos indivíduos, a nível emocional e relacional, bem como o seu funcionamento familiar, no que remete para as relações familiares e para o papel dos pais na vida dos indivíduos.

Como sugestões para estudos futuros, considera-se que seria pertinente controlar a variável sexo, através da constituição de uma amostra que apresente a mesma representatividade dos dois sexos. Também se evidencia como interessante verificar até que

ponto a qualidade da vinculação e os estilos educativos parentais influenciam a qualidade da relação com as figuras parentais, podendo avaliar de modo mais complexo esta última variável. Acrescente-se ainda no que reporta ao último ponto a pertinência de estudar a qualidade da vinculação, eventualmente explorando os protótipos de vinculação possíveis de serem calculados a partir dos resultados obtidos na Escala de Vinculação do Adulto. Igualmente relevante seria estudar o impacto que a qualidade da relação com as figuras parentais o impacto tem no aparecimento de sintomas psicopatológicas e no tipo de vinculação, uma vez que os resultados realçam a importância desta relação. Finalmente, um estudo longitudinal permitiria obter resultados mais robustos, no que diz respeito à relação entre o estabelecimento de relações de vinculação os estilos educativos parentais e os esquemas emocionais e, ainda perceber, o impacto destas variáveis em diferentes dimensões psicológicas, ao longo das fases do ciclo vital.

Em síntese, esta investigação, realizada junto de uma amostra de jovens adultos portugueses, contribui para corroborar a literatura que destaca a importância do contexto familiar, da qualidade da vinculação e dos estilos educativos parentais nos percursos desenvolvimentais. No presente estudo, os estilos educativos parentais de rejeição evidenciam associações de sinal oposto às associações do suporte emocional face às restantes variáveis em estudo (vinculação, funcionamento familiar e visão positiva/negativa das emoções). E, em particular, sublinham-se as associações, com sinal oposto, entre variáveis familiares (nomeadamente os recursos familiares) e o suporte emocional e a rejeição parentais. Por seu lado, a sintomatologia psicopatológica associa-se positivamente à visão positiva e negativa das emoções e à ansiedade da vinculação. E, ainda, a visão negativa e positiva das emoções associa-se positivamente à ansiedade da vinculação. Assim, fica realçada a importância dos pais promoverem, junto dos seus filhos, uma relação pautada pelo suporte emocional e por uma comunicação dirigida à validação emocional.

Em conclusão, este trabalho alerta para a importância que o funcionamento parental, os estilos educativos parentais e a vinculação podem ter no funcionamento geral da família e no desenvolvimento de sintomatologia psicopatológica, sublinhando-se a necessidade de elaborar programas de prevenção da saúde mental que reconheçam o impacto destes dados.

Referências

- Ainsworth, M. D., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: a psychological study of the strange situation*. Lawrence Erlbaum.
- Akcinar, B., & Shaw, D. S. (2018). Independent Contributions of Early Positive Parenting and Mother-Son Coercion on Emerging Social Development. *Child Psychiatry & Human Development*, 49(3), 385-395. doi:10.1007/s10578-017-0758-4.
- Altin, M. & Terzi, S. (2010). How does attachment styles relate to intimate relationship to aggravate the depressive symptoms? *Procedia Social and Behavioral Sciences*, 2, 1008-1015.
- Ammantini, M., Speranza, A.M., & Fedele, S. (2005). Attachment in infancy and in early and late childhood. In K.A. Kerns & R.A. Richardson (Eds.), *Attachment in middle childhood* (pp. 71-88). Guilford Press.
- Araújo, A. F. (2003). Percepção dos estilos educativos parentais e ajustamento psicológico no adulto – comparação entre indivíduos com e sem perturbações depressivas. *Paidéia*, 12(24), 215-227
- Atkinson, L. (1997). Attachment and Psychopathology: From laboratory to clinic. In L. Atkinson & K. J. Zucker (Eds.), *Attachment and Psychopathology* (pp. 3-16). Guilford Press.
- Aytaç, I. A., & Rankin, B. H. (2009). Economic crisis and marital problems in turkey: Testing the family stress model. *Journal of Marriage and Family*, 71(3), 756-767. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2009.00631.x>
- Basso, L. A., Fortes, A. B., Maia, C. P., Steinhorst, E., & Wainer, R. (2019). The effects of parental rearing styles and early maladaptive schemas in the development of personality: a systematic review. *Trends in Psychiatry and Psychotherapy*, 41(3), 301-313. <https://doi.org/10.1590/2237-6089-2017-0118>
- Baumrind, D. (1978). Parental disciplinary patterns and social competence in children. *Youth & Society*, 9, 239-276. <https://doi.org/10.1177/0044118X7800900302>
- Bean, J. P. (1980). Dropouts and turnover: The synthesis and test of a causal model of student attrition. *Research in higher Education*, 12(2), 155-187. doi:10.1007/BF00976194
- Berlin, L. J., Cassidy, J., & Appleyard, K. (2008). The influence of early attachments on other relationships. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of Attachment: Theory, Research and Clinical Applications* (pp. 333-347). Guilford Press.
- Bornstein, M. H. (2002). *Handbook of Parenting (Vol. 1): Children and Parenting* (2ª ed.). Lawrence Erlbaum Associates.
- Bornstein, M. (2006). Parenting: Science and practice. In W. Damon, K. A. Renninger, & I. E. Sigel (Eds.), *Handbook of child psychology (Vol. 4): Child psychology in practice* (6th ed., pp. 893-949). Wiley.
- Bowlby, J. (1984). *Apego: Volume 1. Da trilogia apego e perda*. Martins Fontes.
- Bowlby, J. (1985). *Perda – Tristeza e depressão: Volume 3. Da trilogia apego e perda*. Martins Fontes.
- Bowlby, J. (1989). *Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego*. Artes Médicas.
- Bowlby, J. (1998). *Separação, angústia e raiva: Volume 2. Da trilogia apego e perda*. Martins Fontes.
- Bretherton, I. (1996). New perspectives on attachment relations: Security, communication, and internal working models. In G. G. Noam & K. W. Fischer (Eds.), *Development and vulnerability in close relationships* (pp. 3-27). Lawrence Erlbaum Associates.
- Bretherton, I. & Munholland, K. A. (1999) Internal working models in attachment relationships: A construct revisited. In: Cassidy, J., & Shaver, P. (Orgs.), *Handbook of attachment: Theory, research and clinical applications* (pp.89-114). Guildford Press.
- Canavarro, M. C. (1996). A avaliação das práticas educativas através do EMBU: estudos psicométricos. *Psicologica*, 16, 5-18.
- Canavarro, M. C. (1999). Inventário de sintomas psicopatológicos – BSI. In M.R. Simões, M. Gonçalves, & L.S Almeida (Eds.), *Testes e Provas Psicológicas em Portugal* (Vol. II; pp.87-109). SHO/APPORT.
- Canavarro, M. C. (2007). Inventário de Sintomas Psicopatológicos (BSI) Uma revisão crítica dos estudos realizados em Portugal, In M.R. Simões, M. Gonçalves, & L.S Almeida (Eds.), *Avaliação Psicológica. Instrumentos validados para a População Portuguesa* (Vol. III; pp. 305-330). Quarteto.
- Canavarro, M. C., Dias, P., & Lima, V. (2006). *A avaliação da vinculação do adulto: Uma revisão crítica a propósito da aplicação da Adult Attachment Scale-R (AAS-R) na população portuguesa*, *Psicologia*, 20(1), 1-32.

- Cardoso, J. & Veríssimo, M. (2013). Estilos parentais e relações de vinculação. *Análise Psicológica*, 4(31), 393-406.
- Collins, N. L. & Read, S. J. (1990). Adult attachment, working models, and relationship quality in dating couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58(4), 644-663. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.58.4.644>
- Cunha, M., Xavier, A., Martinho, I., & Espírito-Santo, H. (2013). Early memories of positive emotions and its relationships to attachment styles, self-compassion and psychopathology in adolescence. *European Psychiatry*, 28(Supl.1), P1405. [http://dx.doi.org.proxy.library.uu.nl/10.1016/S0924-9338\(13\)76444-7](http://dx.doi.org.proxy.library.uu.nl/10.1016/S0924-9338(13)76444-7).
- Darling, N. & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: an integrative model. *Psychological Bulletin*, 113, 487-496. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.113.3.487>
- Del Giudice, M. (2019). Sex differences in attachment styles. *Current Opinion in Psychology*, 25, 1-5. <http://dx.doi.org/10.1016/j.copsyc.2018.02.004>.
- DeVellis R. (1991) *Scale development: Theory and applications*. Sage Publications.
- Dias, M. O. (2000). A família numa sociedade em mudança: Problemas e influências recíprocas. *Gestão e desenvolvimento*, 9, 81-102.
- Dinis, A. (2014). *Estudo da psicopatologia numa perspectiva transdiagnóstica da regulação emocional*. Tese de doutoramento, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Dunsmore, J. C. & Halberstadt, A.G. (1997). How does family emotional expressiveness affect children's schemas. *New Directions for Child Development*, 77, 45-68.
- Dwairy, M. (2010). Introduction to special on cross-cultural research on parenting and psychological adjustment of children, *Journal of Child and Family Studies*, 19, 1-7. doi:10.1007/s10826-009-9336-0
- Eijck, F., Branje, S., Hale, W., & Meeus, W. (2012). Longitudinal Associations Between Perceived Parent-Adolescent Attachment Relationship Quality and Generalized Anxiety Disorder Symptoms in Adolescence. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 40(6), 871-883. doi:10.1007/s10802-012-9613-z.
- Fosco, G. M., Mak, H. W.; Ramos, A. LoBraico, E., & Lippold, M (2019). Exploring the promise of assessing dynamic characteristics of the family for predicting adolescent risk outcomes. *Journal of Child Psychology & Psychiatry*, 60(8), 848-856. <https://doi.org/10.1111/jcpp.13052>
- Gilbert, P., Cheung, M.S.P., Grandfield, T., Campey, F., & Irons, C. (2003). Recall of threats and submissiveness in childhood: Development of a new scale and its relationship with depression, social comparison and shame. *Clinical Psychology and Psychotherapy*, 10, 108-115. <https://doi.org/10.1002/cpp.359>
- Granot, D. & Mayseless, O. (2001). Attachment security and adjustment to school in middle childhood. *International Journal of Behavioral Development*, 25(6), 530-541.
- Gross, J. T., Stern, A., Brett, B. E.; Cassidy, J. (2017). The multifaceted nature of prosocial behavior in children: Links with attachment theory and research. *Social Development*, 26(4), 661-678. <https://doi.org/10.1111/sode.12242>
- Hazan, C. & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52(3), 511-524. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.52.3.511>
- Hofer, J., & Spengler, B. (2020). How negative parenting hamper identity development: spontaneous aggressiveness and personal belief in a just world. *Self & Identity*, 19(2), 117-139. <https://doi.org/10.1080/15298868.2018.1541026>
- Hoffmann, S., Suvak, M., & Litz, B. (2006) Sex differences in face recognition and influence of facial affect. *Personality and Individual Differences*, 40, 1683- 1690. doi:10.1016/j.paid.2005.12.014
- Holmes, J. (1993). *John Bowlby & Attachment theory*. London: Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315879772>
- Hong, Y. R. & Park, J. S. (2012). Impact of attachment, temperament and parenting on human development. *Korean Journal of Pediatrics*, 55(12), 449-454. doi:10.3345/kjp.2012.55.12.449.
- Jorge, E. & González, M. C., (2017). Estilos de crianza parental: una revisión teórica. *Informes Psicológicos*, 17(2), 39-66. <http://dx.doi.org/10.18566/infpsic.v17n2a02>
- Karaer, Y., & Akdemir, D. (2019). Parenting styles, perceived social support and emotion regulation in adolescents with internet addiction. *Comprehensive Psychiatry*, 92, 22-27. <http://dx.doi.org/10.1016/j.comppsy.2019.03.003>.
- Kerns, K.A., Tomich, P.L., Aspelmeier, J.E., & Contreras, J.M. (2000). Attachment based assessments of parent-child relationships in middle childhood. *Developmental Psychology*, 36(5), 614-626. doi: 10.1037/0012-1649.36.5.614.

- Koehn, A. J., & Kerns, K. A. (2018). Parent-child attachment: Meta-analysis of associations with parenting behaviors in middle childhood and adolescence. *Attachment & Human Development, 20*(4), 378-405. <https://doi.org/10.1080/14616734.2017.1408131>
- Koesten, J. (2004). Family communication patterns, sex of subject, and communication competence. *Communication Monographs, 71*(2), 226-244. <https://doi.org/10.1080/0363775052000343417>
- Kwon, H., Rueter, M. A., Lee, M.-S., Koh, S., & Ok, S. W. (2003). Marital relationships following the Korean economic crisis: Applying the family stress model. *Journal of Marriage and Family, 65*(2), 316-325. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2003.00316.x>
- L'Abate, L. (1998). Discovery of the family: From the inside to the outside. *American Journal of Family Therapy, 26*(4), 265-280. doi:10.1080/01926189808251106.
- Leahy, R. L. (2002). A Model of Emotional Schemas. *Cognitive and Behavioral Practice, 9* (3), 177-190. [http://dx.doi.org/10.1016/s1077-7229\(02\)80048-7](http://dx.doi.org/10.1016/s1077-7229(02)80048-7)
- Leahy, R. L. (2011). Emotional Schema Therapy: A Bridge over Troubled Waters. In J. Herbert & E. Forman (Eds.), *Acceptance and Mindfulness in Cognitive Behavior Therapy: understanding and applying the new therapies*. (pp. 109-131). USA: John Wiley & Sons, Inc. <http://dx.doi.org/10.1002/9781118001851.ch5>
- Lima, A. P. P. (2012). Mulheres e o abandono da figura paterna: considerações teórico-clínicas a partir da psicologia analítica. *Estudos de Psicologia, 821-830*.
- López, E. L., Pérez, S. M., Ruiz, D. M., & Ochoa, G. M. (2007). Estilos de comunicación familiar, actitud hacia la autoridad institucional y conducta violenta del adolescente en la escuela. *Psicothema, 19*(1), 108-113.
- Maccoby, E. E. (2000). Parenting and its effects on children: On reading and misreading behavior genetics. *Annual Review of Psychology, 51*, 1-27.
- Marôco, J. (2011). *Análise Estatística com o SPSS Statistics* (5ª ed.). ReportNumber, Lda.
- Mayseless, O. (2005). Ontogeny of attachment in middle childhood: Conceptualization of normative changes. In K.A. Kerns & R.A. Richardson (Eds.), *Attachment in middle childhood* (pp.1-23). Guilford Press.
- Mendes, L. S. & Dias, M. L. V. (2018). Relação entre estilos educativos parentais, confiança interpessoal e vinculação na adolescência. *Psicologia, Saúde & Doenças, 19*(1), 136-143.
- Meschke, L. L. & Juang, L. P. (2014). Obstacles to parent-adolescent communication in Hmong American families: exploring pathways to adolescent mental health promotion. *Ethnicity & Health, 19*, 144-159. <https://doi.org/10.1080/13557858.2013.814765>
- Michiels, D., Grietens, H., Onghena, P., & Kuppens, S. (2010). Perceptions of maternal and paternal attachment security in middle childhood: Links with positive parental affection and psychosocial adjustment. *Early Child Development and Care, 180*(1-2), 211-225. <https://doi.org/10.1080/03004430903415064>
- Mikolajczak, M., Nelis, D., Hansenne, M., & Quidbach, J. (2008). If you can regulate sadness, you can probably regulate shame: Associations between trait-emotional intelligence, emotion regulation and coping efficiency across discrete emotions. *Personality and Individual Differences, 44*, 1356-1368. doi: 10.1016/j.paid.2007.12.004
- Mikulincer, M. & Shaver, P. R. (2012). An attachment perspective on psychopathology. *World Psychiatry, 11*, 11-15. <https://doi.org/10.1016/j.wpsyc.2012.01.003>
- Mikulincer, M. & Florian, V. (1999). The association between parental reports of attachment style and family dynamics, and offspring's reports of adult attachment style. *Family Process, 38*(2), 243-257. doi:10.1111/j.1545-5300.1999.00243.x
- Milojevich, H. M., Norwalk, K. E., & Sheridan, M. A. (2019). Deprivation and threat, emotion dysregulation, and psychopathology: Concurrent and longitudinal associations. *Development and Psychopathology, 31*(3), 847-857. <http://dx.doi.org/10.1017/S0954579419000294>
- Mondim, E. M. C. (2008). Práticas educativas parentais e seus efeitos na criação dos filhos. *Psicologia Argumento, 26*(54), 233-244.
- Morgado, A. M., Vale Dias, M.L., & Paixão, M. P. (2013). O desenvolvimento da socialização e o papel da família. *Análise Psicológica, 31*(2), 129-144. <https://doi.org/10.14417/ap.751>
- Morgan, J. M. & Shaver, P. R. (1999). Attachment processes and commitment to romantic relationships. In J. M. Adams & H. Jones (Eds.), *Handbook of Interpersonal Commitment and Relationship Stability* (pp. 109-124). Kluwer Academic.

- Naragon-Gainey, K. McMahon, T. P., & Chacko, T. P. (2017). The Structure of Common Emotion Regulation Strategies: A Meta-Analytic Examination. *Psychological Bulletin*, 143(4), 384-427. doi:10.1037/bul0000093.
- Pallant, J. (2007). *SPSS survival manual: A step by step guide to data analysis using SPSS for Windows*. McGraw-Hill Education.
- Palmeira, L., Gouveia, J. P., Dinis, A., Lourenço, S., & Veloso, M. (2010). O efeito mediador da regulação emocional na relação entre a expressividade emocional da família de origem e as reações maternas à expressão de emoções positivas das crianças. *Psychologica*, 2, 434-448.
- Perris, C., Jacobsson, L., Lindstrom, H., von Knorring, L., & Perris, H. (1980). Development of a new inventory assessing memories of parental rearing behaviour. *Acta Psychiatrica Scandinavica*, 61, 265-274. <https://doi.org/10.1111/j.1600-0447.1980.tb00581.x>
- Roelofs, J., Meesters, C., & Muris, P. (2008). Correlates of self-reported attachment (in)security in children: The role of parental romantic attachment status and rearing behaviors. *Journal of Child and Family Studies*, 17, 555-566. <https://doi.org/10.1007/s10826-007-9174-x>
- Rollins, P., Williams, A., & Sims, P. (2018). Family dynamics: Family-of-origin cohesion during adolescence and adult romantic relationships. *Contemporary Family Therapy: An International Journal*, 40(2), 128-137. <https://doi.org/10.1007/s10591-017-9430-1>
- Root, A. K. & Denham, S.A. (2010). The Role of Gender in the Socialization of Emotion: Key Concepts and Issues. In A. Kennedy Root & S. Denham (Eds.), *The Role of gender in the socialization of emotion: Key concepts and issues*. <https://doi.org/10.1002/cd.265>
- Sanford, J. (2004). *Os parceiros invisíveis*. Paulus.
- Shaw, Z. A. & Starr, L. R.; (2019). Intergenerational transmission of emotion dysregulation: The role of authoritarian parenting style and family chronic stress. *Journal of Child and Family Studies*, 28, 3508–3518. <http://dx.doi.org/10.1007/s10826-019-01534-1>
- Simões, S. (2011). *Influência dos estilos educativos parentais na qualidade da vinculação de crianças em idade escolar em diferentes tipos de família*. Tese de doutoramento em Ciências Biomédicas, Instituto de Ciência Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto, Porto.
- Simons, L., Landor, A. & Beach, C. (2014) Factors Linking Childhood Experiences to Adult Romantic Relationships Among African Americans. *Journal of Family Psychology*, 3, 368-379. <https://doi.org/10.1037/a0036393>
- Simons, L., Simons, G., & Wallace, E. (2004). *Families, delinquency and crime: Linking society's most basic institution to antisocial behavior*. New York: Oxford University Press.
- Simpson, J. A. (1990). Influence of attachment styles on romantic relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59(5), 971-980. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.59.5.971>
- Sijtsema, J., Oldehinkel, A., Veenstra, R., Verhulst, F., & Ormel, J. (2014). Effects of structural and dynamic family characteristics on the development of depressive and aggressive problems during adolescence. The TRAILS study. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 23(6), 499-513. <https://doi.org/10.1007/s00787-013-0474-y>.
- Soares, I. (1996). *Representação da vinculação na idade adulta e na adolescência. Estudo intergeracional: mãe-filho(a)*. Centro de Estudos em Educação e Psicologia, Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, Portugal.
- Sroufe, L. A. (2000). Early relationships and the development of children. *Infant Mental Health Journal*, 21(1-2), 67-74.
- Sroufe, L. A. (2002). From infant attachment to promotion of adolescent autonomy: prospective, longitudinal data on the role of parents in development'. In J. G. Borkowski, S. L. Ramey, & M. Bristol-Power (Eds.), *Parenting and the child's world: Influences on academic, intellectual, and socioemotional development* (pp. 187-202).
- Turk, C. L., Heimberg, R. G., Luterek, J. A., Mennin, D. S., & Fresco, D. D. (2005). Emotion Dysregulation in Generalized Anxiety Disorder: A comparison with social anxiety disorder. *Cognitive Therapy and Research*. 29, 1, 89-106. <https://doi.org/10.1007/s10608-005-1651-1>.
- Uhl, K., Halpern, L. F., Tam, C., Fox, J. K., & Ryan, J. L. (2019). Relations of emotion regulation, negative and positive affect to anxiety and depression in middle childhood. *Journal of Child and Family Studies*, 28(11), 2988-2999. <http://dx.doi.org/10.1007/s10826-019-01474-w>.

- Uytun M., Oztop D., & Esel, E. (2013). Evaluating the attachment behaviour in during puberty and adulthood. *The Journal of Psychiatry and Neurological Sciences*, 26(2), 177-189. doi:10.5350/DAJPN2013260208.
- Verhage, M. L., Fearon, R. M. P., Schueng, C.; van IJzendoorn, M. H., Bakermans-Kranenburg, M. J., Madigan, S., Roisman, G. I., Oosterman, M., Behrens, K. Y., Wong, M. S., Mangelsdorf, S., Priddis, L. E., & Brisch, K.-H. (2018). Examining ecological constraints on the intergenerational transmission of attachment via individual participant data meta-analysis. *Child Development*, 89(6), 2023-2037. <http://dx.doi.org/10.1111/cdev.13085>.
- Voort, A., Juffer, F., & Bakermans-Kranenburg, M. J. (2014). Sensitive parenting is the foundation for secure attachment relationships and positive social-emotional development of children. *Journal of Children's Services*, 9(2), 165-176. <https://doi.org/10.1108/JCS-12-2013-0038>
- Vilaça, M., Silva, J. T., & Relvas, A. P. (2014). Systemic Clinical Outcome Routine Evaluation: SCORE-15. In A. P. Relvas & S. Major (Coord.), *Avaliação Familiar: Funcionamento e Intervenção*. (Vol. I; pp.23-41). Imprensa da Universidade de Coimbra. http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0839-6_1

Psychological Correlates Of Family Relationships Of University Students

Abstract

The interactions that we establish throughout our lives, especially the early interactions, influence who we are and how we behave. Since the family is the primary context where the first early relationships are established, this study aims to understand the relationship between some family variables (attachment, parental educational styles and family relationships) and the psychological functioning of university students.

Therefore, the objectives of this study are: to study the association between parental educational styles, attachment, family functioning, psychopathological symptoms and positive/negative view of emotions; to analyse the differences in the main variables under study according to the gender of the participants, the quality of the relationship with the father, and living with the family on a daily basis versus on weekends. The sample consists of 356 university students, 83 men and 273 women, with an average age of 21.75 years ($SD = 5.35$), the majority being single (94.4%). The participants completed a protocol consisting of: Sociodemographic Questionnaire; Inventory for Assessing Memories of Parental Rearing Behaviour, Brief Symptom Inventory, Leahy Emotional Schemas Scale; Systemic Clinical Outcome and Routine Evaluation e Adult Attachment Scale-R.

The results indicate statistically significant correlations between all the variables in the study and the vast majority of their dimensions. Statistically significant differences were also found in the variables under study according to the gender of the subjects and the quality of the relationship with the father.

This study corroborates the relevance of the quality of the relationship with parental figures in the development of psychopathological symptoms and the type of attachment. It is therefore recommended that this component be integrated at the level of prevention/psychological intervention.

Keywords

Attachment, parental educational styles, family functioning, psychopathological symptoms, emotional patterns.

Received: 11.09.2019

Revision received: 13.03.2020

Accepted: 07.08.2020